

SUMÁRIO

Prefácio	7
Agradecimentos.....	11
Introdução.....	13
Primeiro sermão	17
Segundo sermão	31
Terceiro sermão	41
Quarto sermão.....	55
Quinto sermão	65
Sexto sermão	81
Epílogo.....	99
Notas.....	103

PREFÁCIO

Talvez algum leitor julgue terem sido publicados na mesma safra editorial a *Imitação de Cristo*, de Tomás de Kempis, um clássico do século 15 sobre a piedade e o ascetismo, e estes *Seis sermões contra a preguiça*, de Tiago Cavaco. São naturalmente dois textos tão próximos quanto diferentes, mas de ambos se poderá dizer, numa sociedade em que o bem-estar espiritual parece ter-se tornado uma aspiração, para não dizer paranoia coletiva, que são dois livros que fazem mal à saúde. E isso é tão bom!

Ao considerar a preguiça uma batalha espiritual necessária, Tiago Cavaco não está só. O apanhado sábio que faz das Escrituras, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, mostra que há muitos séculos está mobilizada uma verdadeira frente teológica contra esse obstáculo. A dimensão dessa frente e sua persistência nas várias tradições cristãs dizem-nos alguma coisa da grandeza do empecilho em que, quase sem parecer, a preguiça se torna. É caso para voltar à Palavra do Senhor: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça” (Lc 8.8). Mas devemos também pedir ao Senhor que nos liberte de mal-entendidos, porque foi ele mesmo que nos mandou gastar tempo observando os lírios do campo (Lc 12.27) e preferir a passividade de Maria ao ativismo de Marta (Lc 10.38-42). É, portanto, necessário especificar o que é a preguiça antes de cairmos na tentação de arrancar com a planta má também a boa.

E é aí, nesse intrincado e objetivo exercício de discernimento, que a pregação de Tiago Cavaco se revela uma (im)pertinente gramática de sabedoria, apontando-nos três motivos essenciais:

1. Para encarar seriamente a preguiça, precisamos tomar consciência da sua dimensão. Ela não é um pequeno defeito do comportamento: é uma descaracterização, uma diminuição e uma perda que afeta o ser. E, como explica o pregador, “isto pode não ser óbvio para nós que pertencemos a uma cultura que tende a ser condescendente com a preguiça”.
2. A preguiça não é, portanto, um problema de organização. Na sua raiz, ela é um problema de fé. De fato, percorrendo os textos bíblicos, percebemos rapidamente que a preguiça é tratada como uma patologia espiritual e não genética. “A preguiça não é terrível por corroer a nossa confiança em nós próprios; é terrível porque corrói a confiança em Deus”, escreve o autor. Ora, se a fé está na raiz do problema, ela deverá ser também colocada no centro da solução.
3. A proposta de caminho entreaberta por Tiago Cavaco situa-se na mais límpida cartografia bíblica. E cabe neste grito de insurreição civil: “Contra a preguiça, a imitação!”. E imitação de Cristo, centro do cosmo e da história, chave e modelo da nossa humanidade. Ao homem adâmico que todos somos, receita-se que fixe o olhar no novo Adão, que é Cristo, sabendo que isso

representa contrariar corajosamente as lógicas de uma época como a nossa, “tão encantada com a ideia de originalidade que imitar alguém passa a ser um crime”. Isso não é pouca coisa! Mas a vida também não o é, correto?

Uma última palavra para sublinhar o óbvio: uma antologia de sermões arrisca-se a ser um óvni na cultura lusófona, que gosta muitíssimo de ouvir Vieira, mas, de preferência, sem ligar minimamente ao que ele diz. Tiago Cavaco mostra, por sua competência bíblica e teológica, pela agudeza espiritual, pelo frescor insubmisso de sua imaginação e de seu verbo, que a pregação é uma arte literária viva com a qual temos de contar.

José Tolentino Mendonça,
presbítero, poeta e teólogo português; professor e
vice-reitor na Universidade Católica Portuguesa

AGRADECIMENTOS

Este livro não existiria sem a Igreja da Lapa (a Segunda Igreja Baptista de Lisboa). A igreja que me acolhe e onde sou pastor leu seu conteúdo antes ainda de tomar forma definitiva. Sou grato a ela e especialmente aos seus presbíteros e diáconos, que a servem incansavelmente, também para que eu possa ter a oportunidade de escrever para mais pessoas.

Este livro não existiria sem o interesse persistente do seu primeiro editor português, o Fernando Silva. A TopBooks, sua primeira publicadora, insistiu em publicar uma série de sermões mesmo num país que se esqueceu de que o sermão já foi um gênero literário.

Este livro não existiria sem a amizade pronta e produtiva do padre José Tolentino Mendonça. O tipo de ecumenismo em que creio é muito pouco institucional, mas é através de uma generosidade dessas que sei que cristãos, católicos e evangélicos, têm muito a fazer juntos em Portugal.

Este livro foi enriquecido pelo empenho e pelo interesse do Yago Martins. Do Brasil, comentou e promoveu a audição destes sermões para níveis transatlânticos.

Este livro não existiria sem a visão profética do Humberto Brito e da Djaimilia Pereira de Almeida, que viram a necessidade de um livro de sermões muito, muito antes de mim.

Por último, este livro não existiria sem minha família. A minha mulher, Ana Rute, e os nossos filhos, Maria, Marta, Joaquim e Caleb, são as pessoas para quem a leitura destes sermões pode ser mais penosa. Afinal, sabem bem o preguiçoso que têm em casa. Mas, graças a Deus, para a fé cristã um pecador que se confessa está mais perto de ser um pecador que se corrige!

INTRODUÇÃO

Os problemas dos cristãos não partiram com Cristo quando ele ascendeu aos céus. É um fato que a ascensão nos tranquiliza por garantir que tudo o que Cristo tinha para fazer por nossa salvação já está feito e que, estando sentado à direita de Deus Pai, ele intercede por nós. Nesse sentido, a ausência física de Cristo em relação aos cristãos não é um abandono, porque Deus está conosco por meio do Espírito Santo, que foi enviado pelo Pai e pelo Filho. Isso nos leva a dizer que os problemas realmente grandes já estão resolvidos. Mas também nos leva a entender que não é pelo fato de os problemas realmente grandes estarem resolvidos que os cristãos não têm uma considerável diversidade de problemas.

Este livro trata de um problema de muitos cristãos, especialmente de quem o escreve. É, infelizmente, um problema que se estende a muitos outros. Sobretudo à geração atual no Ocidente, creio. Não estou com isso classificando a preguiça como o pior problema dos cristãos desta parte do mundo. Mas a estou reconhecendo como fração substancial daquilo que enfraquece nossa fé. E a prova é que, quando dedicamos no último trimestre de 2013 uma série de sermões contra o pecado da preguiça, ninguém na Igreja da Lapa achou isso disparatado. Eu não estava sozinho nessa luta contra fazer menos do que se deve.

Numa comunidade protestante evangélica como é a Igreja da Lapa, à qual pertenço e na qual sou pastor, o

assunto da preguiça pode ir mais longe do que se espera. Isso porque as igrejas reformadas são especialmente eficazes em deixar claro que ninguém salva sua alma com boas ações. Somos salvos pela fé em Jesus Cristo. A salvação é possível pelo que Cristo fez por nós, não pelo que fazemos por Cristo. Qualquer criança que cresça na nossa igreja conseguirá com facilidade entender e afirmar essa convicção. O problema surge quando afirmar que não nos salvamos pelo que fazemos funciona como um pretexto para não querer fazer nada. Nesse sentido, e apesar de nos mantermos firmes nessa convicção bíblica, podemos assumir que a preguiça pode ser um assunto muito comum aos cristãos protestantes.

Assumindo isso em um país de maioria católica romana como Portugal, não quero isentar os cristãos católicos romanos do problema. Seria muito fácil tornar apenas sociológicos os nossos desafios espirituais. Tenho conhecido bons católicos romanos tão aflitos diante do pecado da preguiça quanto eu, que sou protestante. Não é pelo fato de o Catecismo da Igreja Católica Romana compreender o papel das boas ações de uma maneira diferente que se assegura que nenhum católico romano sentirá a tentação de ser preguiçoso. Nesse sentido, o pecado da preguiça é um problema de todo cristão, independentemente da confissão a que pertença.

Entretanto, este livro não se reserva a cristãos. Ou a religiosos. É certo que ouvir sermões é uma escolha esperada de quem acredita na base religiosa que os sustenta. Nenhum ateu tem de aturar pregações. Com toda a legitimidade pode pegar este livro e cantar bem alto aquele

refrão velhinho da Madonna que diz: “Papa, don’t preach!”. Mas, se for um leitor não cristão, não religioso, ateu ou pura e simplesmente indeciso acerca das questões da fé, também pode se beneficiar da leitura deste pequeno volume. Proporcionar uma oportunidade de fazer mais nunca é algo que se possa desprezar.

PRIMEIRO SERMÃO

LER A BÍBLIA É LER O MUNDO

Provérbios é um livro único na Bíblia. Todos os livros bíblicos são únicos, é certo. Aliás, a Bíblia é constituída de 66 livros únicos que a tornam um documento que não precisa ser considerado sagrado para ser considerado único. Vale sempre a pena ler a Bíblia, porque não a ler é perder muito mais do que apenas não ler um livro. É perder a possibilidade de ler melhor o mundo em que habitamos. Isso porque o mundo em que habitamos foi e continua a ser profundamente marcado pela sua existência. Não é preciso acreditar que a Bíblia é a revelação de Deus (como eu acredito) para reconhecer nela uma leitura necessária. Ler a Bíblia também é ler o mundo. Mas voltemos ao livro de Provérbios, que serve de primeiro passo neste percurso pelas Escrituras.

A Bíblia é composta por duas partes diferentes: o Antigo Testamento (que tem 39 livros) e o Novo Testamento (que tem 27). O livro de Provérbios faz parte do Antigo Testamento. Ora, o Antigo Testamento pode ser dividido em alguns conjuntos de livros distintos. Na tradição evangélica é comum falar: do Pentateuco (os cinco primeiros livros, os da lei judaica, que resumem também o início da história da aliança entre Deus e o povo escolhido — Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio); dos Livros Históricos (Josué, Juízes, Rute, 1 e 2Samuel, 1 e 2Reis, 1 e 2Crônicas,